

RESENHA CRÍTICA

DESENVREDANDO ROSA: A OBRA DE J. G. ROSA E OUTROS ENSAIOS ROSIANOS

Rita Felix Fortes¹

Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos, por Kathrin Holzermayr Rosenfield. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006. 393 páginas.

A Autora é austríaca de Salzburgo. Fez doutorado na França, vive em Porto Alegre desde 1984, onde é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora do CNPq, tendo publicado as seguintes obras: *A linguagem liberada*; *T. S. Eliot e Charles Baudelaire – poesia em tempo de prosa*; *Antígona – de Sófocles a Hölderlin*; *Estética*; *Passo a passo: Grande sertão veredas: – roteiro de leitura*; *Os descaminhos do demo*; *Desenveredando Rosa*.

A afinidade da Autora com os clássicos europeus – tanto teóricos quando poetas e romancistas – bem como a familiaridade com que aportou nas veredas da língua brasileira, singrando-a através dos sertões bravios de Guimarães Rosa, elucidam e justificam a interpretação aguda e pertinente que se observa no recém lançado *Desenveredando Rosa*. A obra é composta de duas partes, precedidas de um significativo Prefácio, no qual a Autora esclarece que sua “entrada” na obra rosiana se deu através da identificação das leituras feitas por Guimarães Rosa dos livros sagrados do Oriente e do Ocidente – “do imaginário indo-europeu, greco-romano, indígena e medieval cristão” – (p.18) associadas às técnicas da moderna narrativa, como as livres associações e o *stream of consciousness*. Parte do prefácio se refere à segunda parte do livro, composta pela reedição de *Os descaminhos do demo*, obra publicada em 1993, que alcançou grande sucesso e é amplamente conhecida nos meios literários, e, por isso, não será abordada na presente resenha.

A primeira parte de *Desenveredando Rosa* é formada por nove capítulos nos quais a Autora dialoga, dentre outros, com Goethe, Dostoiévski, Machado de Assis, Euclides da Cunha e Gilberto Freyre.

Nesta primeira parte do livro, duas indagações orientam o ponto de vista sobre a posição de Guimarães Rosa na literatura. Seria ele “Contista ou romancista, poeta ou pensador?” A primeira questão é – a despeito de *Grande sertão: veredas* ser, usualmente, considerado um romance –

¹ Professora do Mestrado e do Curso de Graduação em Letras – Campus de Marechal Cândido Rondon – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Guimarães Rosa é, de fato, um romancista? A Autora inicia o primeiro capítulo do livro respondendo à primeira indagação proposta pelo subtítulo supracitado. Ou seja, apesar de sua obra de maior fôlego ser considerada um romance, sua estrutura estaria mais para o conto que para o romance. Há que se destacar que Guimarães Rosa é, indiscutivelmente, um dos maiores contistas brasileiros do século XX e que sua formação sertaneja pautou-se nos causos e nos relatos convencionais, tão marcantes na cultura brasileira e seus contos estão entranhados nesta tradição. Há, ainda, marcas das fábulas que – assim como Thomas Mann e Kafka – remetem à arcaica tradição de seres híbridos – “verdadeiros homens-animais [que] nos assustam com seus traços terrivelmente arcaicos e, no entanto, tão humanos” (p. 38).

A Autora constata que, em Guimarães Rosa, todas as criaturas, sejam elas humanas ou animais, estão marcadas pela saudade do sertão e pelo desejo de retornar a um outro estado e este se evidencia, por exemplo, na descrição minuciosa da boiada no conto “O burrinho pedrês”. Homens e bois padeceriam de uma eterna saudade da querência, sempre buscada, nunca plenamente alcançada. Esta saudade, por sua vez, remete aos perigos do sertão, mas também ao que há de mais profundo no homem e nos seres e que, eventualmente, pode irromper como um estouro de boiada: “As ‘más surpresas’ e o deflagrar da propensão demoníaca pairam sobre as histórias mais amenas de Guimarães Rosa” (p. 41).

Ainda no primeiro capítulo, a Autora compara os contos de Guimarães Rosa aos de Simões Lopes Neto, estabelecendo similaridades entre o conto “O negro Bonifácio”, e os contos rosianos. Ela compara, também, a questão do narrador em ambos os autores e enfatiza como Guimarães Rosa mescla o artístico popular e erudito e, ao fazê-lo, descreve a forma ardilosa dos seres ladinos que, no conto “O burrinho pedrês”, são representados pelo burrinho e pelo major Saulo, seu dono: ambos têm, cada um a seu modo, uma *sabença* intuitiva, fundamental à sobrevivência no perigoso mundo do sertão.

Ao discutir sobre o mito do sertão e a conquista de um estilo, a Autora reporta-se à obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha – com a qual Guimarães Rosa dialoga, inclusive no título de *Grande sertão: veredas*.

Ao comparar a perspectiva sombria de Paulo Prado – em *Retratos do Brasil* – sobre o povo brasileiro, a Autora afirma que é impossível que Guimarães Rosa não tenha sido influenciado por Paulo Prado. No entanto, as características do povo e do país que, em *Retratos do Brasil*, são descritas de uma perspectiva amarga e em tom de lamento, na obra rosiana são revestidas de detalhes amáveis, ternos ou alegremente irrisórios.

Na página 54, no subcapítulo intitulado “Mais uma vez, ‘O burrinho pedrês’” a Autora, ao analisar o burrinho, reporta-se a *Dom Quixote*, de Cervantes – especialmente a Sancho Pança:

Rosa capta a fâisca de Cervantes ressuscitando o ‘paraíso perdido’ de

seres encantadores e ingênuos como Sancho Pança. Uma doçura cômica envolve os modos do burro, destilando, pouco a pouco, algo de intenso entendimento que costuma tramar-se entre animais e crianças. (p. 56).

A seguir, a Autora estabelece uma comparação muito feliz entre o burrinho do conto rosiano e o sertanejo de Euclides da Cunha. Esta é, em minha opinião, uma das partes mais brilhantes de *Desenredando Rosa*. É muito pertinente esta comparação entre o comportamento do burro e aquela feita por Euclides da Cunha a respeito do temperamento do sertanejo. Acredito que até então esta comparação ainda não havia sido estabelecida pelos críticos literários. A Autora afirma que os sertanejos e o burrinho têm a sabedoria intuitiva dos seres ladinos, fundamental à sobrevivência nos meios adversos. Ambos, homem e animal, reservam e economizam energia – camufladas sob a capa da inércia – para, quando necessário, espevitarem-se, e fazerem frente às adversidades, sempre a rondar os homens e demais seres que habitam o sertão. O burrinho rosiano estaria para o sertanejo assim como o cavalo para o gaúcho e, no mundo do sertão, os primeiros levam vantagens sobre os segundos. Se, por um lado, o burro e o sertanejo não têm o garbo e o porte do cavalo e o do gaúcho, por outro, naquele mundo adverso, eles têm a sagacidade, a esperteza e a dureza fundamentais à sobrevivência no inóspito e perigoso mundo que os cerca.

O segundo capítulo, intitulado “De *Magma* a *Grande sertão: veredas*. A poesia popular sob o impacto da reflexão”, é um capítulo curto, no qual a Autora discute como Guimarães Rosa, ao negar seu primeiro livro, o faz por ter percebido que não conseguira, em *Magma*, atingir os elementos simultaneamente ingênuos e metafísicos, que suprimem o tempo. Foi na narrativa que o autor conseguiu captar as “pequenas coisas de seu ambiente, um fervor admirável subjacente também no sincretismo místico da cultura popular” (p. 71).

No terceiro capítulo “J.G. rosa – o mestre do amálgama lírico-narrativo”, a Autora se atém ao fato de Guimarães Rosa, ao longo de sua trajetória literária, procurar dosar o impulso do narrador, a sensibilidade lírica e o pensamento reflexivo, o que responderia às questões propostas na primeira parte, sobre onde se situa Rosa em relação à lírica e à narrativa. Isto é, ele amálgama lírica e narrativa.

A Autora realça, ainda, que, sob o véu de magia poética rosiana há uma dose de ironia – mais evidente nas entrevistas do autor. “Esse talento da imperceptível ironia mineira está à altura da arte dos imperceptíveis amálgamas eruditos que animam os autênticos sertanejos” (p. 83). Outra característica do autor seria, ao contrário de escritores como Proust e Eliot, uma resistência à racionalidade intelectual que obscureceria a importância dos processos de acumulação do pensamento e da sensibilidade. Guimarães

Rosa, a propósito do processo de escritura de *Grande sertão: veredas*, enfatiza que este teria sido de efervescência caótica, quase mediúnic. Obra que flanaria entre o realismo prosaico e o devaneio lírico, como prenuncia o título que, simultaneamente, evoca o cientificismo de Euclides da Cunha e a querência das terras longínquas. A Autora destaca, ainda, o constante sentimento de indeterminação, representado por Diadorim que, como uma neblina, transita entre “elãs infantis e ideais viris, entre o angelical e o bestial, entre a ternura feminina e a autoridade de um homem implacável” (p. 94).

No capítulo IV, denominado “A ‘alegria’ rosiana e suas afinidades com Goethe e Dostoievski”, a Autora indaga qual seria a filosofia de Guimarães Rosa e como se ater à questão filosófica sem destruir o que há de encantatório na sua arte. Respondendo a esta questão, a Autora aponta a importância na obra rosiana – especialmente em *Grande sertão: veredas* – das seguintes leituras: os diálogos platônicos; as conjecturas quanto à existência de Deus, de Leibniz; o estatuto da natureza na experiência humana de Kant, e, principalmente, a poesia dos pré-românticos Goethe e Hölderlin. Entretanto, todas as influências filosóficas não seriam explicitadas, mas filtradas e o autor busca, sempre, a “temática da metafísica, do problema da relação entre a realidade sensível e do domínio supra-sensível, entre as coisas cognoscíveis e as incognoscíveis” (p.98). Rosa dialoga com a Bíblia, por exemplo, com o *Cântico dos cânticos*, com Dostoievski, principalmente, com a obra *Os demônios*.

No capítulo V, intitulado “Ficção, realidade e verdade na obra rosiana”, Kathrin Rosenfield indaga se as figuras rosianas são realistas ou idealizadas e conclui que, por mais que estas girem em torno do espaço geográfico do sertão, o propósito poético do autor tem um cunho legitimamente universal. Como o “metafísico precisa ser ‘realista’ e ‘regionalista’ ” (p. 108), o autor, para atingir a simplicidade que transcende, se “finge” na busca da autenticidade de suas personagens.

No capítulo VI, “Rosa no ‘espelho’ de Machado”: os legados alemão, russo e francês na narrativa rosiana”, a Autora reflete sobre quais poetas e pensadores – dos pré-socráticos aos pré-românticos alemães, passando por Dostoievski e Guimarães Rosa – “captaram algo essencial da alma humana” (p. 119).

No capítulo VII “A poética das *Primeiras estórias*”, a Autora afirma que, diferentemente de *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, em *Primeiras estórias* o narrador fala de fora, diversificando-se em vários papéis. “Ele mantém-se em um espaço neutro de onde segue e descreve seus personagens” (p.157).

No oitavo capítulo “A secreta presença de Gilberto Freyre no imaginário de G. C. Rosa” Kathrin Rosenfield discute a paradoxal situação de Freyre na cultura brasileira. Mas, se Freyre, a partir dos anos 60, torna-

se mais nacionalista, comprometido com a ideologia dominante, e, até mesmo racista, Guimarães Rosa – a despeito da indiscutível influência de Freyre na sua obra – “é descoberto como um autor ‘antinacionalista’ e ‘anti-racista’, que nos conta a ‘fábula da aculturação às avessas’ ”. (p.168).

No capítulo IX, “*Os sertões* entre ciência ficção, entre cordialidade e intolerância” que encerra a primeira parte de *Desenveredando Rosa*, a Autora discute, dentre outros temas, a questão do gênero híbrido euclidiano, situado entre o científico e o ficcional, cujo alvo seria “o levantamento de fatos e a produção de um impacto sobre a opinião pública” (p. 184).

Em síntese, *Desenveredando Rosa* é um livro que aponta para a diversidade da temática da obra rosiana, para o diálogo do autor com a tradição literária, para a capacidade de Guimarães Rosa converter o “sertão” no mundo ou “o mundo no sertão”. Mas também desvela a profunda sensibilidade da autora Kathrin Holzermayr Rosenfield para captar os aspectos mais sutis, os “clins da clina”, da obra rosiana e ainda para a sua sólida formação que lhe permite comparar e, eventualmente, contrapor a obra de Guimarães Rosa ao que há de mais sólido na tradição literária. A Autora transita com lhanza pela tradição literária e filosófica dos gregos à contemporaneidade, fazendo de *Desenveredando Rosa* um livro relevante para a análise e compreensão da obra rosiana.